

Universidades Lusíada

Pereira, Laurindo Mekie

Os intelectuais e a identidade nacional : ensaio sobre o pensamento de António Sérgio e Gilberto Freyre

<http://hdl.handle.net/11067/6733>

<https://doi.org/10.34628/m2br-6386>

Metadados

Data de Publicação

2022

Resumo

A proposta deste trabalho é revisitar o clássico problema da intervenção dos intelectuais no debate político, elegendo para exame dois influentes pensadores do mundo luso-brasileiro no século XX: o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre e o ensaísta português António Sérgio. Os dois autores eram amigos, apesar das flagrantes diferenças ideológicas, materializadas na relação de oposição de Sérgio a Salazar e na parceria de Freyre com o governante português. Eles comungavam também de um mesmo disc...

The proposal of this work is to revisit the classic problem of the participation of the intellectuals on political debate, choosing for exam two important thinkers of Portugal and Brazil during the 20th century: the Brazilian sociologist Gilberto Freyre and the Portuguese essayist António Sérgio. They were friends, although the explicit ideological differences that is materialized in oppositional relationship between Sérgio and Salazar and the partnership between Freyre and the Portuguese govern...

Palavras Chave

Nacionalismo, Sérgio, António, 1883-1969 - Crítica e interpretação, Freyre, Gilberto, 1900-1987 - Crítica e interpretação

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ILID-CEJEA] Polis, s. 2, n. 06 (Julho-Dezembro 2022)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T23:02:48Z com informação proveniente do Repositório

Os intelectuais e a identidade nacional: ensaio sobre o pensamento de António Sérgio e Gilberto Freyre¹

The scholars and national identity: An essay on António Sérgio's and Gilberto Freyre's thought

Laurindo Mekie Pereira

Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa.

Professor dos Programas de Pós-Graduação em História/PPGH e Desenvolvimento Social/PPGDS da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

Email: mekie1@yahoo.com

ORCID: 0000-0003-1318-1798

DOI: <https://doi.org/10.34628/m2br-6386>

Sumário

1. Introdução
2. António Sérgio
3. Gilberto Freyre
4. Livres e Independentes (?)

Resumo: A proposta deste trabalho é re-visitar o clássico problema da intervenção dos intelectuais no debate político, elegendo para exame dois influentes pensadores do mundo luso-brasileiro no século XX: o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre e o ensaísta português António Sérgio. Os dois autores eram amigos, apesar das flagrantes diferenças ideológicas, materializadas na relação de oposição de Sérgio a Salazar e na parceria de Freyre com o governante português. Eles comungavam também de um mesmo discurso, colocando-se, em suas autoavaliações, como escritores independentes, não sujeitos a quaisquer injunções do mundo social e político. Pretende-se confrontar essa pretensa isenção com suas trajetórias e escritos, recorrendo para estudo mais detido a assimilação e/ou crítica dos autores em relação aos discursos que reproduzem a identidade nacional portuguesa.

Palavras-chave: Identidade nacional; António Sérgio; Gilberto Freyre.

Abstract: The proposal of this work is to revisit the classic problem of the participation of the intellectuals on political debate, choosing for exam two important thinkers of Portugal and Brazil during the 20th century: the Brazilian sociologist Gilberto Freyre and the Portuguese essayist António Sérgio. They were friends, although the explicit ideological differences that is materialized in oppositional relationship between Sérgio and Salazar and the partnership between Freyre and the Portuguese governor. They had the same discourse, showing themselves as independent writers, not subjected to any injunctions from the social and political fields. The purpose is to confront this alleged exemption their trajectories and their writings, cutting for an accurate study the assimilation and criticism of the authors in comparison to the discourses that reproduce the national Portuguese identity. **Keywords:** National identity; António Sérgio; Gilberto Freyre.

1. Introdução

Autores de obras vastas e complexas, engajados em muitas frentes, António Sérgio e Gilberto Freyre deixaram amplo material para discussão, seja em forma de textos, seja em forma de ações concretas.

São necessários recortes. Entre as muitas estruturas nas quais eles se inseriam ou em que viviam, elegemos duas para análise um pouco mais detida: o campo político e a identidade nacional, apoiando-nos em Pierre Bourdieu para pensarmos o primeiro conceito e em Benedict Anderson, Eric Hobsbawm e Anthony Smith para subsidiar a discussão da questão nacional.

Conforme Benedict Anderson, a nação foi, no século XX, justamente quando se esperava seu esgotamento, a mais forte identidade coletiva a moldar o comportamento das pessoas, sendo um compromisso capaz de levá-las a se manterem leais até a morte.² Estariam os intelectuais incluídos nesse mesmo compromisso ou gozariam de certo grau de imunidade frente às paixões nacionalistas?

As considerações que faço, evidentemente, são provisórias, são parte de uma reflexão em curso, razão pela qual, em diversos momentos, o texto levanta questões que ainda não pode responder a contento. Elas funcionam como demarcadores de um itinerário de trabalho.

¹ Versão modificada de trabalho apresentado e publicado nos *Anais* do “X Simpósio Nacional Estado e Poder: Estado Ampliado”, evento organizado pelo Núcleo de Estudos sobre Estado e Poder no Brasil, em 2018.

² ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

A internacionalização do capital e a aparente globalização da cultura viabilizada pela comunicação *online* não arrefeceram os ânimos nacionalistas. Em diversas partes do globo, muitos povos continuam a reclamar a autonomia nacional, sendo o caso catalão um dos que mais ocuparam espaço na mídia nos últimos tempos. Por sinal, nesse caso específico, muitos analistas destacaram não haver benefícios materiais na emancipação da Catalunha, apontando para a “irracionalidade” do movimento.

A questão intrigante é compreender por que esse apelo é eficaz, seduz, mobiliza. Há uma ampla gama de explicações ou tentativas de. Para Smith, a compreensão depende do reconhecimento de que a nação se assenta em “camadas de experiência social e histórica”³ e que a organização em Estados Nacionais conserva funcionalidade no mundo hodierno.⁴

Os intelectuais, entendidos como as pessoas que manejam símbolos e não fazem coisas⁵, particularmente aqueles que operam no campo científico⁶, são igualmente afetados pelo fervor nacionalista? Ou eles têm maior capacidade de refratar tal influência, caso o desejem, evidentemente?

Com Gramsci, aprendemos que os intelectuais integram as classes sociais e operam para que elas se expressem no plano social e político⁷, atividade que melhor desempenham quando desfrutam de uma autonomia relativa, como salienta Hugues Portelli⁸.

Qual a extensão dessa autonomia relativa? Como os nomes-personagens escolhidos para análise se representam, se definem? São questões que nos guiam no exame das obras de António Sérgio e Gilberto Freyre, olhando para a intervenção deles nos debates políticos em Portugal e no Brasil entre os anos 1930 e 1960.

2. António Sérgio

António Sérgio nasceu em 1883, em Damão, antiga Índia portuguesa. Foi marinheiro e tenente, mas se destacou com seus escritos sobre história, educação, filosofia, sociologia, economia e política. Entre 1910 e 1920, visitou diversos países como Inglaterra, Brasil, França e Suíça. Na década de 1920 fez parte do chamado “Grupo da Biblioteca”, juntamente com Raul Proença, Jaime Cortesão, Afonso Lopes Vieira, José de Figueiredo e Aquilino Ribeiro, base da Revista Seara Nova, de grande circulação e influência em Portugal. Sérgio foi por toda a vida oposição à ditadura instalada em 1926, o que lhe rendeu prisões e exílios. No dizer de Romana Pinho, já nos anos 1920, Sérgio era tido como “[...] reformador de Portugal, valendo-se para isso da sua formação filosófica e pedagógica, da sua imensa e indubitável noção de cultura, da sua escrita exigente e incisiva, do seu ensaísmo performático e polemista”⁹. Ele foi “o maior das nossas letras”, diz Vasco Magalhães-Vilhena.¹⁰ O autor se definia como democrata, socialista-cooperativista, idealista, racionalista, universalista. Foi um severo crítico do nacionalismo. Estribado na razão, dizia escrever de forma livre, “desprendido das limitações do espaço e do tempo, das de classe, de riqueza, de nacionalidade e de raça”.¹¹

Herdeiro da tradição iluminista e humanista, Sérgio manteve-se distante, na verdade crítico, da onda conservadora que percorreu diversos países europeus nas primeiras décadas do século XX, atraindo grande parte da intelectualidade.

De outro lado, suas relações com os comunistas e socialistas foram de atritos e aproximações. Em “alocução aos socialistas”, em 1º de maio de 1947, ele explorou os pontos convergentes, mas mostrou também suas prefe-

rências, apontando para um socialismo pela via cooperativista, que nasce e se desenvolve dentro do capitalismo, sem abalos, progressivamente.¹²

Foi severo crítico do Stalinismo. Mais difíceis ainda foram as relações com o Salazarismo, regime do qual foi oposição do início ao fim, lutando por meio das palavras e da razão, como ele gostava de dizer, e outras vezes pela articulação política e mesmo conspiratória.¹³ Entre 1959, quando fez sua última intervenção pública, e 1969, quando faleceu, Sérgio esteve recluso ao ambiente doméstico, enfrentando problemas de saúde e, também, experimentando, parece que pela primeira vez na vida, a sensação de impotência e desesperança quanto aos rumos da sociedade portuguesa.

3. Gilberto Freyre

Gilberto Freyre é por demais conhecido. Em virtude disso, as observações que seguem visam apenas apontar elementos da sua biografia e pensamento que se relacionam mais diretamente com a problemática deste texto. O futuro sociólogo cresceu numa sociedade “açucarocrática”, conforme expressão de Vamireh Chacon¹⁴. Conheceu o Rio de Janeiro em 1926, após ter conhecido o mundo, estudado nos EUA e feito um périplo pela Europa. Como destaca seu biógrafo e admirador, era comum, naqueles tempos, as “classes socialmente superiores” de Pernambuco conhecerem o mundo antes que o Brasil¹⁵. Entranhado na sociedade local – recifense, olindense, pernambucana – e ao mesmo tempo antenado no mundo, Freyre, ao longo dos anos 1920,

3 SMITH, Anthony D. *Nações e nacionalismo numa era global*. Oeiras: Celta, 1999, p. 5.

4 Idem, p. 96.

5 BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1997.

6 BOURDIEU, Pierre. *Reflexões pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

7 GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Organização Brasileira, 2004, v. 1 e 5.

8 PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 110.

9 PINHO, Romana Valente. *António Sérgio e a ideia de Uno unificante: idealismo, metafísica e gnosiologia*. 2012. (Tese de Doutorado em Filosofia). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012, p. 9.

10 MAGALHAES-VILHENA, Vasco de. *António Sérgio: o idealismo crítico e a crise da ideologia burguesa*. Lisboa: Cosmos, 1975, p. 196.

11 SÉRGIO, António. *Antologia sociológica*: Caderno 7. Lisboa: Edições do Autor, 1957, p. 35.

12 SÉRGIO, António. *Alocução aos socialistas*. Lisboa: Inquérito, 1947, p. 16-17.

13 BARROS, Henrique de. Três nobres vectores da utopia sergipana. *Revista de História de Ideias*, Coimbra, 1983, v. 5, p. 397.

14 Há comentadores de Freyre melhores do que Chacon, a exemplo de Elide Rugai Bastos e Ricardo Benzaquem Araújo. A “vantagem” de Chacon é que, além de trazer dados biográficos interessantes, ele representa Freyre, ajuda a compreender como Freyre gostava de ser percebido. Para os objetivos deste texto, é uma obra muito útil.

15 CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre, uma biografia intelectual*. Recife/São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993, p. 176-177.

teve atritos também com os paulistas, especialmente com aqueles mais diretamente engajados na Semana de Arte Moderna. Os dois movimentos tocavam na questão nacional. No entanto, nos termos de Élide Rugai Bastos, o nacionalismo de Freyre “é tradicional e regionalista; o dos paulistas é cosmopolita”.¹⁶ Os episódios estão na raiz de algo que acompanharia Freyre pelas décadas seguintes: uma forte identificação com elementos da tradição, do local, regional, o conhecimento e reconhecimento do mundo e certa reticência quanto à escala nacional e os aspectos do “industrialismo competidor”.¹⁷

A Revolução de 1930 encontrou Freyre na chefia de gabinete do presidente de Pernambuco, Estácio Coimbra. Os dois se exilaram, suas casas foram saqueadas e incendiadas. Parte da biblioteca de Freyre se perdeu. O sociólogo passou um tempo em Lisboa, até ser convidado para lecionar em Stanford, EUA. Estava em formatação *Casa Grande & Senzala*. É interessante notar que Freyre já desfrutava de certo prestígio internacional antes mesmo da obra máxima de 1933 que o consagraria.

As relações com o novo regime político permaneceram ruins, agravando-se com o Estado Novo, quando o escritor chegou a ser preso. No dizer de José Carlos Reis, *Casa Grande & Senzala* foi escrita em um momento de crise. Freyre “vê aquele ‘mundo que o português criou’ naufragando, contestado por todo lado, e o surgimento de um novo Brasil. Ele, então, vira as costas ao novo e se lembra com deleite, com paixão, sem censura e reservas, do Brasil das elites patriarcais.”¹⁸

No prefácio de *Casa Grande & Senzala*, o autor diz que voltou ao Brasil porque sentia que o país precisava dele e da sua geração.¹⁹ Sua

“António Sérgio acreditava que, equipado com a razão, ele era capaz de produzir teses irrefutáveis. A razão seria universal. Ele seria universalista. Em virtude disso, afirmava: “sou cidadão do mundo, universalista, humanista. Intellectualmente não sou português, apenas sirvo ao povo português porque é o que está mais próximo de mim””

vaidade não era desconhecida, mas nesse caso ele tinha razão. Sua contribuição seria expressiva para o pensamento social brasileiro e para uma revisão da leitura prevalecente sobre o passado colonial, superando a perspectiva racista que ainda se registrava nos meios intelectuais e políticos do país.

Para Bastos, no lugar do “país”, quem precisava de Freyre era o bloco agrário-industrial que então se formava e que teve no sociólogo um intelectual orgânico. As teses freyreanas teriam contribuído decisivamente para soldar a aliança entre os setores modernizantes e a ordem rural oligárquica. A exaltação do Nordeste nos anos 1930 levada a efeito pelo

autor não é gratuita ou ingênua: “Lembrar, na década de 30, o papel desempenhado pelo Nordeste e seus homens, é assumir tarefa política bem definida. no bojo de um processo de conciliação.”²⁰

4. Livres e independentes (?)

António Sérgio acreditava que, equipado com a razão, ele era capaz de produzir teses irrefutáveis. A razão seria universal. Ele seria universalista. Em virtude disso, afirmava: “sou cidadão do mundo, universalista, humanista. Intellectualmente não sou português, apenas sirvo ao povo português porque é o que está mais próximo de mim”.²¹ Dirigindo-se aos “jovens da elite”, o autor os convidava “a uma crítica disciplinadora e a um tentame de organização: ao culto da lucidez, da ordem, da coerência de ideias, do espírito prático [...] Queiramos pensar um pensamento que se imponha aos homens pela sua justeza.”²²

Se levada às últimas consequências, a ideia sergiana de que subordinando o eu biológico ao eu racional - “o eu que é obectivo, universalista, compreendedor, equânime” - a pessoa opera sem quaisquer condicionantes espaciais, temporais, materiais ou culturais²³, chega-se à negação da própria história. Quando analisamos sua trajetória, percebemos que a história continua de pé e sem ela não se compreendem os intelectuais, nem suas ideias.

Crítico da razão universal, fria, Freyre é “anti-iluminista”, seu texto é científico e político, produz uma espécie de “auto-antropologia da cultura na qual cresceu”. Estamos frente a uma escrita “encarnada, comprometida”²⁴.

16 BASTOS, Élide Rugai. Gilberto Freyre e a questão nacional. In: MORAES, Reginaldo (Org.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 64.

17 FREYRE, Gilberto. Ordem, liberdade, mineiridade. Conferência lida na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, na noite de 16 de julho de 1946. In: PEREIRA, Francelino. *Gilberto Freyre: o reinventor da história*. Brasília: Senado Federal, 2000, p. 36.

18 REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Vahagen a FHC*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGC, 2000, p. 57.

19 FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

20 BASTOS, Élide Rugai. *Gilberto Freyre, a diversidade e a extensão dos direitos políticos*. Mimeo. Texto apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS, 1994, p. 16. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000100&pid=S0102-6445199600010001200002&lng=en>. Acesso em: 16 jul. 2018.

21 SÉRGIO, António. *Em torno do problema da “língua brasileira” (palavras de um cidadão do mundo, humanista crítico, a um estudante brasileiro seu amigo)*. Lisboa: Seara Nova, 1937, p. 6-7.

22 SÉRGIO, António. *Obras completas – ensaios*. Lisboa: Sá da Costa, 1971, tomo I, p. 10.

23 SÉRGIO, António. *Antologia sociológica: Caderno 7*. Lisboa: Edições do Autor, 1957, p. 35.

24 REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Vahagen a FHC*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGC, 2000, p. 57.

Nos termos de Ricardo Benzaquem Araújo, a leitura de Freyre reúne uma influência franciscana, as peculiaridades do catolicismo luso, a valorização da paixão e da alma no lugar do mero racionalismo.²⁵

Talvez a definição de Élide Rugai Bastos seja mais instrutiva: Freyre é um escritor ibérico, que se permite intensificar os fatos e a realidade, como

[...] só são capazes os poetas que analítica e liricamente compreendem, dramatizam e interpretam a vida. O escritor ibérico é a negação do típico *literatur* abstrato, pois se mostra competente para inventar o real, substituindo uma perspectiva única por perspectivas empáticas e simultâneas da mesma realidade.²⁶

Por sua vez, Antônio Sérgio, que se autoproclama racionalista, ao olhar para o passado opera em bases semelhantes ao “estilo ibérico” de Freyre, se permitindo interpretar a história a partir dos seus questionamentos, e praticamente tudo a eles subordinando. Como diz o próprio autor, “o que me interessa não é a História, mas somente a mentalidade com que nós a abordamos: por isso, e só por isso, tenho eu escrito sobre temas da História.”²⁷ Em outra passagem, diz o autor: “A história, no narrar dos factos, há-de ser sempre conjectural, obra portanto da imaginação criadora; mas isso não impede que o historiógrafo, ao chegar à crítica, procure proceder com lucidez de espírito, num tom científico de objectividade”.²⁸ A história é apenas a matéria-prima para uma reflexão derivada de questões do presente.²⁹ Freyre era um apre-

ciador das obras de Sérgio, definindo-o como o “eminente ensaísta que pelo sentido novo que deu aos estudos de philosophia da história portuguesa é uma alta autoridade nos assumptos aqui esboçados.”³⁰

A paixão explícita nos escritos de Freyre, no entanto, convive com uma reiterada obsessão de se dizer independente - essa é sua palavra preferida - de qualquer relação ou interferência política.

Em 1934, o sociólogo organizou, em Recife/PE, o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro. O evento teve enorme repercussão e resultou em graves consequências políticas para o autor porque desagradou a muitos segmentos, entre eles os católicos e as oligarquias. O organizador foi acusado, entre outras coisas, de comunista. Ao final do Congresso, Freyre proclamou que

Não recebeu nenhum favor do governo. Não se associou a nenhum movimento político, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido... Qualquer insinuação contra a pureza intelectual das suas intenções, contra o profundo sentido brasileiro das suas tendências, peca por leviana. Ou então revela um excesso de faro policial, talvez desenvolvida em detrimento de qualidades intelectuais mais nobres.³¹

Quando sua obra já era difundida em muitos países, o autor comenta que lhe propuseram que, para facilitar a publicação dos seus textos, ele deveria cortar partes que pudessem ofender judeus, jesuítas e comunistas, o que ele recusou por ser “irredutivelmente independente”.³²

Palestrando nas colônias portuguesas no ano de 1951 a convite do governo português, Gilberto Freyre ressaltou em diversas oportunidades a sua independência.³³ Na Cidade do

Porto, ele foi ainda mais enfático:

Não estou hoje nesta portuguesíssima cidade do Porto senão como um escritor que, acima de tudo na vida, preza lusitanamente, portuensemente, a sua condição de homem independente e dá todos os dias graças a Deus pelo facto de poder viver só da sua atividade de escritor, livre de compromissos com instituições e partidos, com poderosos ou ideologias.³⁴

Embora fale de instituições diversas, incluindo as universidades, o autor parece especialmente interessado em afirmar sua independência em relação ao campo político, aí incluídos os partidos, as ideologias e o Estado *stricto sensu*. A plena independência como postula Freyre é tão insustentável quanto simplificadora seria a tese de que suas formulações resultam direta e simplesmente de suas opções políticas. Um homem da estatura intelectual de Freyre obviamente sabia disso. Por que, então, era tão enfático na defesa da primeira ideia?

Suas inserções no mundo político foram explícitas. Antes de 1930, como já visto, ele era vinculado ao governo pernambucano, foi deputado constituinte em 1946 pela Esquerda Democrática da União Democrática Nacional/UDN, estabeleceu uma parceria com o regime de Salazar (Portugal), em 1964 apoiou o golpe contra João Goulart, durante o regime militar fez parte do Conselho Federal de Cultura, atendendo convite de Emilio Garrastazu Médici.³⁵

Em 1934, quando exalta a “pureza intelectual” do Congresso Afro-Brasileiro, ele era oposição no plano estadual e nacional, o que certamente contribui para se compreender seu discurso. Quando participou ou apoiou a determinadas gestões, pode tê-lo feito apenas emprestando seu conhecimento e prestígio? Nesse caso, teriam sido os “poderosos” que dependeram e se serviram dele e não o inverso. Certamente, seu envolvimento com o golpe de 1964 é uma marca inapagável. Igualmente

rhagen a FHC. 3 ed. Rio de Janeiro: FGC, 2000, p. 52.

25 ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 76-82.

26 BASTOS, Élide Rugai. A civilização lusotropical – prefácio. In: FREYRE, Gilberto. *O luso e o trópico*. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 10. [Itálico do original].

27 SÉRGIO, Antônio. *Obras completas – ensaios*. Lisboa: Sá da Costa, 1972, tomo II, p. 211.

28 SÉRGIO, Antônio. *Ensaio*. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1955, tomo V, p. 80.

29 SÉRGIO, Antônio. *Obras completas – ensaios*. Lisboa:

Sá da Costa, 1972, tomo II, p. 4-5.

30 FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou*. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1951, p. 32.

31 CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre, uma biografia intelectual*. Recife/São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993, p. 257.

32 FREYRE, Gilberto. Ensaio neolatino em língua inglesa, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 maio 1952, p. 5.

33 FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954, p. 109, 133, 163, 185, 191, 197, 199, 223.

34 Idem, p. 191.

35 CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre, uma biografia intelectual*. Recife/São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993; DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: CPDOC; FGV. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

embaraçosa, não para ele, mas para quem conhece e admira sua obra, é seu vínculo com o salazarismo. Foi nesse ponto que ele, além de contradizer abertamente sua tese da independência, justamente quando mais a reclamou, também abraçou um projeto nacionalista, precisamente algo que ele condenava. Contradições ou apenas mais duas ambiguidades de um autor conhecido pelas sínteses e pelos “antagonismos em equilíbrio”.³⁶

Apesar das opções políticas e intelectuais distintas, Freyre e Sérgio foram correspondentes e amigos. Por sinal, o brasileiro se referiu a essa amizade como uma das “provas” de que seria equidistante das correntes políticas portuguesas quando era criticado por trabalhar para o governo de Salazar.³⁷

Freyre foi leitor de Sérgio, com se vê em diversas referências, entre elas a que o sociólogo faz ao comércio e ascensão da burguesia na Península Ibérica em *Casa Grande & Senzala*, inspirada em *A sketch of the history of Portugal*, publicada posteriormente como *Breve introdução da História de Portugal*³⁸. António Sérgio fala, desde textos de 1920, do cosmopolitismo e da plasticidade, da capacidade de adaptação portuguesa a povos e terras distantes³⁹. É possível que tenha sido o português uma das inspirações do pernambucano em suas formulações que se tornariam a pedra de toque do lusotropicalismo⁴⁰.

Crítico do nacionalismo em geral e do regime em vigor em seu país, Sérgio, no entanto, compartilhava de aspectos fundamentais da cultura ou identidade portuguesa, especialmente no que concerne à sua história. Assim como a grande maioria dos seus contemporâneos, o escritor advogava a ideia de que a nação portuguesa era inerentemente colonial, aspecto que remontava às suas origens no sé-

“Pela ótica de Freyre, Portugal não teria colônias, mas seria uma nação pluricontinental, integrada pela metrópole e pelas unidades do além-mar. Foi essa a pedra de toque da diplomacia portuguesa na resistência no interior das Nações Unidas”

culo XIV, embora seu pensamento tenha sofrido transformações, culminando com uma postura mais crítica em fins dos anos 1950.⁴¹ Por sua vez, Gilberto Freyre foi importante na estratégia portuguesa de resistir às pressões diplomáticas pela emancipação das colônias, especialmente nos anos 1950 e 1960. O sociólogo, que já havia feito o elogio do modelo de colonização portuguesa desde *Casa Grande & Senzala*, forjou, já na década de 1950, a tese do lusotropicalismo, afirmando que o “mundo que o português criou” seria marcado pela plasticidade étnica e cultural característica dos lusos.

Ainda sem usar o termo lusotropicalismo, Freyre publicou, em 1940, *O mundo que o por-*

tuguês criou, reunindo palestras proferidas em fins dos anos 1930. António Sérgio escreveu o prefácio dessa obra. Nesse contexto, as análises de *Casa Grande & Senzala*, adstritas ao Brasil, são ampliadas para as colônias portuguesas.⁴²

Mas as ideias de Freyre, especialmente quanto à miscigenação, não tiveram boa acolhida nos meios políticos lusos, embora já tivesse razoável recepção nos meios intelectuais. As teses racistas ainda predominavam.⁴³ O desfecho da Segunda Guerra e a onda descolonizadora que se seguiu mudariam o cenário, abrindo caminho para uma profunda interação entre as teses do brasileiro e as demandas do regime salazarista.

Mas isso seria nos anos 1950. Em 1946, palestrando para estudantes de Direito de Minas Gerais, o sociólogo condenou o que denominou de movimentos de “extrema violência anti-revolucionária”, colocando no mesmo conjunto o fascismo, nazismo, falangismo, franquismo, peronismo, “o getulismo em sua derradeira fase” e o “salazarismo nos últimos anos.”⁴⁴

Nessa mesma palestra, exaltando a capacidade dos mineiros para conciliar a ordem à liberdade, ele falou de exemplos de países em que a obsessão pela primeira sacrificou a segunda. Daí então ele produziu uma sequência de escalas e valores opostos, agrupando de um lado a ordem, o universal, o sistêmico e o nacional, do outro o psicológico, o local, o irracional e tradicional. Embora insistisse sempre no equilíbrio e na síntese, o autor parecia especialmente interessado em destacar o segundo grupo.⁴⁵

Também na imprensa Freyre condenava o nacionalismo que, nos anos 1950, era muito

36 BASTOS, Élide Rugai. A civilização lusotropical – prefácio. In: FREYRE, Gilberto. *O luso e o trópico*. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 9.

37 FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

38 SÉRGIO, António. *Breve introdução da História de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

39 SÉRGIO, António. *Obras completas – ensaios*. Lisboa: Sá da Costa, 1971, tomo I.

40 Freyre também se refere a Sérgio, quase sempre de forma elogiosa, em *Aventura e Rotina* (1953). Cf., por exemplo, p. 232-234.

41 SÉRGIO, António. *Cartas do terceiro homem: portavoz das “pedras vivas” do “país real”*. Lisboa: Inquérito, 1957 (terceira série); PEREIRA, Laurindo Mekie. António Sérgio e o problema colonial. In: Manuel Loff; Ana Sofia Ferreira; João Caramelo. (orgs.). *Da Descolonização ao Pós-colonialismo: perspectivas pluridisciplinares*. 1 ed., Porto/Portugal: Universidade do Porto, 2019, v. 1, p. 203-221.

42 SCHNEIDER, Alberto Luiz. Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 10, p. 75-93, dez. 2012.

43 CASTELO, Cláudia. “O modo português de estar no mundo”: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Afrontamento, 1999.

44 FREYRE, Gilberto. Ordem, liberdade, mineiridade. Conferência lida na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, na noite de 16 de julho de 1946. In: PEREIRA, Francelino. *Gilberto Freyre: o reinventor da história*. Brasília: Senado Federal, 2000, p. 15.

45 Idem, p. 41.

difundido no país, em diversas correntes.⁴⁶ O sociólogo criticava o “aspecto patológico do mesmo nacionalismo exacerbado” que se expressava em chavões com o “o petróleo é nosso” e “vão embora, ianques”.⁴⁷

Cosmopolita e defensor do regional-local, Freyre não parece entusiasmar-se pelas identidades em escala nacional. As estreitas relações com o mundo português contribuiriam para consolidar uma nova escala, a transnacional, como se verificaria nos seus escritos lusotropicais.

Em agosto de 1951, o sociólogo pernambucano, àquela altura já desfrutando de prestígio internacional, aportou em Lisboa para uma excursão pelas possessões portuguesas de além-mar. Tudo foi cuidadosamente preparado pelo governo luso. Do périplo de Freyre pelo “mundo que o português criou”, “conhecendo” *in loco* o que ele já havia antes teorizado, resultou o livro-texto do lusotropicalismo, *Um brasileiro em terras portuguesas*, e também a obra *Aventura e Rotina*.⁴⁸

Freyre tinha plena consciência das implicações políticas de seu gesto. Foi recebido em Portugal como um “hóspede do Estado”, o que teria levado seus diversos amigos de esquerda a evitarem qualquer contato com ele. O autor então se defende, dizendo que por ser “ligado a portugueses de diversas condições e ideologias, julgo-me no direito de considerar gentileza nacional. Desço do avião considerando-me hóspede de Portugal e não apenas do seu honrado governo.”⁴⁹ O movimento é claro, Freyre separa o governo do Estado e da nação portuguesa. As reações dos seus amigos que eram oposição ao regime salazarista indi-

cam que a separação proposta por ele era, na prática, impossível. No entanto, olhando em perspectiva, embora Freyre estivesse de forma inequívoca contribuindo para o governo de Salazar, suas ideias colonialistas eram, de fato, algo muito mais difundido e compartilhado do que um mero discurso oficial, sendo abraçado por amplos setores da sociedade e também dos meios intelectual e político. Neste sentido, ele era realmente um hóspede nacional.

Na versão de Freyre, as conquistas coloniais portuguesas teriam sido “pacíficas” e a escravidão com “doçura” e “flexibilidade.”⁵⁰ Nos seus termos: “a marca das terras descobertas e colonizadas por Portugal é esta: não são terras violadas ou conquistadas à força bruta, mas sim docemente assimiladas.”⁵¹

Pela ótica de Freyre, Portugal não teria colônias, mas seria uma nação pluricontinental, integrada pela metrópole e pelas unidades do além-mar. Foi essa a pedra de toque da diplomacia portuguesa na resistência no interior das Nações Unidas. Além de instrumentalizada pelo regime, a visão de Freyre calou fundo nos meios políticos e intelectuais portugueses, reforçando a ideia enraizada na cultura lusitana segundo a qual sua identidade enquanto nação era inseparável das conquistas coloniais de séculos atrás.

O regime de Salazar simplificou e instrumentalizou as ideias de Freyre, mas ele também, conscientemente, se deixou instrumentalizar, observa Cláudia Castelo (1999). Schneider dá uma boa definição do caso: o autor aderiu ao salazarismo e este aderiu ao autor.⁵²

Em 1960, novamente convidado especial do governo português, Gilberto Freyre participou do Congresso Internacional dos Descobrimentos, evento oficial para celebrar os 500 anos da morte do Infante D. Henrique. O livro *O luso e o trópico* reúne a versão escrita da palestra de Freyre nesse evento e outros ensaios. Nele o autor radicaliza suas ideias.

De experiência histórica e objeto de estudo, lusotropicalismo é elevado a civilização, aquela que Arnold Toynbee não catalogou⁵³, e à condição de uma nova ciência:

[...] conceito lusotropical para caracterizar uma forma, um processo, um estilo simbiótico de transculturação, ao mesmo tempo que de adaptação do europeu aos trópicos; e sobre esse conceito – o de lusotropicologia –, porventura válido para a sistematização científica de estudos dessa forma e desse processo biosociais de adaptação e de transculturação, em que a interpretação cultural e a miscigenação biológica tem cooperado de modo raro na história dos contatos inter-humanos e interculturais dessa espécie.⁵⁴

Nos termos de Jessé de Souza, estamos diante de um Freyre abertamente político, por conveniência e oportunismo. Seus escritos servem aos projetos coloniais portugueses. A obra da juventude é muito melhor.⁵⁵

Por diferentes caminhos e sendo portadores de perfis muito distintos, Sérgio e Freyre compartilharam e contribuíram para difundir ideias fundamentais do nacionalismo e imperialismo português.

Parece-nos razoável dizer que os dois são representativos das relações dos intelectuais com a identidade e projetos nacionais. Sérgio, sendo português, ainda que negasse e criticasse formulações nacionalistas, não escapava delas. Já Freyre, brasileiro, adere de forma deliberada a um projeto conservador com o qual convergia, embora, tal como Sérgio, se afirmasse livre e independente de qualquer projeto político.

São possíveis também outras leituras. Gramsci⁵⁶ afirmava que os intelectuais tradicionais,

46 MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3.

47 FREYRE, Gilberto. A propósito de Mr. Elis, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1955, p. 5.

48 FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954; FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem a procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

49 FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem a procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 13.

50 FREYRE, Gilberto. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954, p. 34.

51 Idem, p. 177.

52 SCHNEIDER, Alberto Luiz. Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 10, p. 75-93, dez. 2012.

53 FREYRE, Gilberto. *O luso e o trópico*. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 28.

54 FREYRE, Gilberto. *O luso e o trópico*. São Paulo: É Realizações, 2010, p. 25.

55 SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social*, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 2000, v. 12, n. 1, p. 70.

56 GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, v. 1 e 5.

vinculados a uma ordem social já superada, fundamentavam-se em instituições de longa duração, a exemplo da Igreja, e pareciam gozar de autonomia. Talvez possamos dizer que, em virtude do capital simbólico acumulado em suas trajetórias, apoiando-nos aqui em Bourdieu⁵⁷, alguns intelectuais parecem, em certas situações, desfrutar de maior autonomia em relação ao mundo social, ou seriam, para usar a terminologia do autor francês, tão importantes dentro de determinado campo que seriam capazes de não só influenciá-lo como promover profundas mudanças nele.⁵⁸ Talvez tenha sido o caso de Gilberto Freyre e António Sérgio. Donos de extensa e complexa obra, os dois continuam a merecer mais estudos para o enfrentamento desta e muitas outras questões.

57 BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

58 BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004, p. 22-23.